



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO LETRAS LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA (L2) PARA SURDOS**

PRISCILA SILVA DA PAIXÃO

**A REPRESENTAÇÃO DA SURDEZ NO CONTEXTO DAS HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS: ANÁLISE DO PERSONAGEM HUMBERTO DA TURMA DA
MÔNICA**

**Belém - Pará
2017**



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO LETRAS LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA (L2) PARA SURDOS**

PRISCILA SILVA DA PAIXÃO

**A REPRESENTAÇÃO DA SURDEZ NO CONTEXTO DAS HISTÓRIAS EM
QUADRINHOS: ANÁLISE DO PERSONAGEM HUMBERTO DA TURMA DA
MÔNICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Libras e Língua portuguesa (L2) para surdos como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciada em Letras - Libras e Língua Portuguesa (L2) para surdos.

Orientador: Prof. Me. Huber Kline Guedes Lobato.

**Belém - Pará
2017**

PRISCILA SILVA DA PAIXÃO

A REPRESENTAÇÃO DA SURDEZ NO CONTEXTO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: ANÁLISE DO PERSONAGEM HUMBERTO DA TURMA DA MÔNICA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado na Graduação em forma de Monografia para obtenção de diploma de Licenciada no Curso de Letras Libras / Língua Portuguesa (L2) para Surdos da Universidade Federal do Pará, sob a orientação da Prof. Me. Huber Kline Guedes Lobato.

Avaliado em: ____/____/2017

Conceito: _____

Banca Examinadora:

Prof. Me. Huber Kline Guedes Lobato – Orientador
Universidade Federal do Pará
Instituto de Letras e Comunicação – ILC

Prof. Esp. Lucival Fábio Silva Rodrigues - Membro da Banca
Universidade Federal do Pará
Instituto de Letras e Comunicação – ILC

Prof. Esp. Eder Barbosa Cruz - Membro da Banca
Universidade Federal do Pará
Instituto de Letras e Comunicação – ILC

Prof^a. Me. Waldma Máira Menezes de Oliveira - Membro da Banca
Universidade Federal do Pará
GESAT / Campus de Castanhal

Belém - Pará
2017

*Aos meus pais Antônio e Sonia Paixão, a minha
irmã Daniela Paixão e aos meus tios Eloisa Silva e
João Monteiro, que me deram apoio e auxílio
necessário nos momentos difíceis.*
(Priscila Silva da Paixão)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, nosso criador, por me iluminar e abençoar nesse percurso e permitir que este trabalho se tornasse realidade.

Ao prof. Me. Huber Kline Guedes Lobato, meu orientador, que me conduziu nesta pesquisa, com paciência e maestria, pelos caminhos da “Representação da surdez no contexto das histórias em quadrinhos”.

Aos meus familiares e amigos, em especial, Bruna Mourão, Elbia Sousa, Fabrício Ferreira e Minelly Carvalho, pela ajuda e incentivo diário ao ver minha luta para esta conclusão.

A todos que ajudaram, de forma direta ou indireta, e acreditaram em meu potencial.

“Uma imagem do mesmo que tudo alcança, captura, nomeia e torna próprio; outra imagem que retorna e nos interroga, nos comove, nos desnuda, nos deixa sem nomes” (Sperber, 2009, p. 68).

RESUMO

Este trabalho traz como problemática: Como a surdez é representada no contexto das HQs, a partir da análise do personagem Humberto da Turma da Mônica? A partir desta problemática temos as seguintes questões norteadoras: O que é Representação? Qual o perfil do personagem Humberto no contexto das HQs da Turma da Mônica? Como a surdez é representada dentro do contexto das HQs, a partir da análise do personagem Humberto da Turma da Mônica? De que forma ocorreram as mudanças de representações sobre a surdez ao longo das publicações de HQs da Turma da Mônica? Para responder a estas questões traçamos como objetivo geral analisar como a surdez é representada no contexto das HQs, a partir de uma análise do personagem Humberto da Turma da Mônica. De forma específica visamos abordar teoricamente o conceito de Representação e descrever o perfil do personagem Humberto no contexto das HQs da Turma da Mônica; investigar como a surdez é representada no contexto das HQs, a partir da análise do personagem Humberto da Turma da Mônica; analisar as mudanças de representações sobre a surdez ao longo das publicações de HQs da Turma da Mônica. Os autores que embasaram teoricamente nosso estudo foram: Pesavento (2005); Skliar (1998; 2003; 2010; 2011), Sperber (2001); Vergueiro (2004), e entre outros. Os procedimentos metodológicos de nosso estudo referem-se a uma pesquisa de cunho qualitativo caracterizado como um estudo bibliográfico com característica de uma análise documental, na qual, utilizamos cinco revistas em quadrinhos para descrever como a surdez é representada no contexto das HQs da Turma da Mônica e como o personagem Humberto é rotulado e representado nas histórias em quadrinhos. Este trabalho tem como tema a educação especial e surgiu em função das nossas percepções acerca das representações sobre a surdez produzidas nas Histórias em Quadrinhos (HQs) da Turma da Mônica, em que apresentam discursos ouvintistas sobre o personagem Humberto (surdo). Por meio de uma cultura oral, são inseridos discursos nas HQs que, muitas vezes tradicionais, marcam o ser surdo, ao longo do tempo, como um sujeito incapaz de se pronunciar ou de expressar seu pensamento. No presente estudo, apresentamos as representações sobre o personagem Humberto, e relacionamos tais representações às mudanças provocadas pelos pressupostos da Lei 10.436/2002.

Palavras-chave: Surdez. Representação. Histórias em Quadrinhos.

ABSTRACT

This work brings as problematic: How is deafness represented in the context of comics, based on the analysis of the character Humberto of Mônica's Gang? From this problem we have the following guiding questions: What is Representation? What is the profile of the character Humberto in the context of the Comics of Monica? How is deafness represented in the context of comics, based on the analysis of the character Humberto of Mônica's Gang? In what way did the changes of representations on deafness occur throughout the comic book publications of Monica's Class? To answer these questions we have as a general objective to analyze how the deafness is represented in the context of the comics, based on an analysis of the character Humberto of Mônica's Gang. Specifically we intend to approach theoretically the concept of Representation and to describe the profile of the Humberto character in the context of the Comics of the Monica Class; To investigate how deafness is represented in the context of comics, based on the analysis of the character Humberto of Mônica's Gang; To analyze the changes of representations about the deafness throughout the comics publications of the Class of Monica. The authors who theoretically supported our study were: Pesavento (2005); Skliar (1998, 2003, 2010, 2011), Sperber (2001); Vergueiro (2004), and among others. The methodological procedures of our study refer to a qualitative research characterized as a bibliographic study with characteristic of a documentary analysis, in which we used five comic books to describe how the deafness is represented in the context of the Comics of the Monica And how the character Humberto is labeled and represented in the comic books. This work focuses on special education and emerged as a result of our perceptions about the deafness representations produced in the Comics of Monica, in which they present hearings about the character Humberto (deaf). Through oral culture, discourses are inserted in the comic books, which are often traditional, mark deafness over time as a person who is unable to express himself or express his or her thinking. In the present study, we present representations about the Humberto character, and relate such representations to the changes provoked by the assumptions of Law 10.436 / 2002.

Keywords: Deafness. Representation. Comics.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01	Cronograma de organização da pesquisa.....	17
QUADRO 02	Descrição do personagem Humberto	20
QUADRO 03	Quadro Representativo	26

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Descrição do personagem Jeremias	22
Figura 02	Descrição do personagem Cascão	22
Figura 03	Descrição das expressões do personagem Humberto	23
Figura 04	Balão de descrição das expressões do personagem Humberto	24
Figura 05	Balão de fala de Libras.....	25
Figura 06	Trecho da HQ "Quem conta um conto"	28
Figura 07	Trecho da HQ "S.O.S. Teveluizão"	29
Figura 08	Quadrinhos de "Humberto vendendo sorvetes"	30
Figura 09	Equívocos em "Humberto vendendo sorvetes"	31
Figura 10	Rotulação em "Humberto vendendo sorvetes"	31
Figura 11	Apresentação tímida da Libras, "Humberto em aprendendo a falar com as mãos!"	33
Figura 12	Não entendimento da Libras, "Humberto em aprendendo a falar com as mãos!"	34
Figura 13	O livro de sinais, "Humberto em aprendendo a falar com as mãos!"	35
Figura 14	Alfabeto dos Surdos, "Humberto em aprendendo a falar com as mãos!"	36
Figura 15	Exposição do novo balão de fala- o balão de Libras, "Humberto em aprendendo a falar com as mãos!"	37
Figura 16	Comunicação em Libras, "Humberto em aprendendo a falar com as mãos!"	38
Figura 17	A representação taxativa e generalizada, "Inclusão social!"	39
Figura 18	A diferença de não possuir ou de já possuir um língua, "Inclusão social!"	41
Figura 19	Métodos de aprendizagem de surdos, em "Inclusão social!"	42

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 METODOLOGIA.....	16
3 O PERFIL DE HUMBERTO E A REPRESENTAÇÃO SOBRE O PERSONAGEM NO CONTEXTO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DA TURMA DA MÔNICA	18
4 REPRESENTAÇÕES SOBRE A SURDEZ NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DA TURMA DA MÔNICA	26
5 AS MUDANÇAS DE REPRESENTAÇÕES SOBRE A SURDEZ AO LONGO DAS PUBLICAÇÕES DE HQ'S DA TURMA DA MÔNICA	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

Neste estudo iremos investigar e descrever através do personagem Humberto das HQs da Turma da Mônica, a demonstração de mudanças que o personagem sofreu desde o seu nascimento até a atualidade perante colocações inclusivas que constroem diversas representações e referenciais de como é colocada a surdez nas histórias da Turma da Mônica.

O personagem Humberto foi criado em 1960, por Maurício de Sousa, um dos cartunistas e jornalistas mais famosos do Brasil reconhecido nacional e internacionalmente e membro da Academia Paulista de Letras. Através desse personagem que está inserido nesse meio de comunicação das História sem Quadrinhos. É importante destacar primeiramente o surgimento deste meio de comunicação.

Segundo Vergueiro (2004):

O aparecimento de um novo veículo de disseminação dos quadrinhos, as publicações periódicas conhecidas como *comic books* – no Brasil, gibis-, nos quais logo despontaram os super-heróis, de extrema penetração junto aos leitores mais jovens, ampliou consideravelmente o consumo dos quadrinhos, tornando-os cada vez mais populares [...]. As revistas de histórias em quadrinhos tiveram suas tiragens continuamente ampliadas, atingindo cifras astronômicas naqueles anos. (p. 11).

As representações produzidas sobre surdez nas HQs da Turma da Mônica são apresentadas com discursos ouvintistas¹. Através de uma cultura oral, são inseridos discursos imaginários e muitas vezes tradicionais que causam uma substituição na realidade, para que assim possa se trazer um discurso agradável sobre o surdo que ao longo da história trouxe taxações de ser um sujeito incapaz de se pronunciar ou de se entender. Sobre essa representação, Pesavento (2005) diz que:

A força das representações se dá não pelo seu valor de verdade, ou seja, o da correspondência e das imagens com o real, mesmo que a representação comporte a exibição de elementos e evocadores e mimétricos. Tal pressuposto implica eliminar do campo da análise tradicional clivagem entre real e não- real, uma vez que a representação tem capacidade de se substituir à realidade que representa, construindo o mundo paralelo de sinais no qual as pessoas vivem (p. 41).

¹ Discursos ouvintistas segundo SKLIAR, “é um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte”. (1998, p 15)

Diante disso, esta pesquisa, também traz uma análise e compreensão da representação da surdez no âmbito das representações sobre as diferenças, que afirma que “na tradição clínico- terapêutica, a surdez é vista como uma ‘deficiência’ em relação a comunidade ‘ouvinte’ colocando os sujeitos surdos em desvantagem, se comparados à maioria da população” (SKLIAR, 1998, p. 15).

A respeito do sujeito surdo, percebemos que os termos da tradição clínico-terapêuticos empregados, favorecem identificar uma pessoa particularizada. Sobre essa representação da identidade e da diferença, Silva (2000), afirma:

A representação está associada à identidade pessoal de cada sujeito, assim (...) “a representação concentra-se em sua expressão material como “significante”: um texto, uma pintura, um filme, uma fotografia (...) as conexões entre identidade cultural e representação, com base no pressuposto de que não existe identidade fora da representação” (p. 97).

Nesse sentido, a análise e compreensão das representações sobre surdez ao longo da história e das Histórias em Quadrinhos tornam-se imprescindíveis, como escolha e objeto de análise, visto que podemos construir nas representações dessa literatura, produções de nossas memórias e onde construímos significados e representações que dão sentido ao mundo em que estamos inseridos.

Através do levantamento desses conceitos foi possível dar início a uma análise a respeito de como a surdez é representada dentro do contexto das HQs, a partir de uma análise do personagem Humberto da Turma da Mônica trazendo uma base teórica de Pesavento (2005); Skliar (1998; 2003; 2010; 2011), Sperber (2001); Vergueiro (2004). Autores estes que discutem acerca das identidades pessoais, representações sociais e a surdez com um olhar sobre as diferenças.

As HQs são formas literárias que apresentam inúmeros contextos sociais, ideologias, estilos de vida, política, cor, inclusão, entre outros. Assim elas podem ser utilizadas como ferramentas para se trabalhar conteúdos para explicar determinados assuntos de forma mais dinâmica, ou seja, sem aplicar o estilo maçante de explicação - perguntas - respostas.

A partir daí foi perceptível entender que as narrativas trazem elementos não só ligados a construção dos atos da fala ou de sua própria classificação, mas também a elementos visoespaciais. As quais são representadas através de imagens e trazem

consigo a compreensão dos pensamentos a respeito da mensagem que se quer passar. De acordo com Dutra (2002):

As Histórias em Quadrinhos, como todas as formas de arte, fazem parte do contexto histórico e social que as cercam. Elas não surgem isoladas e isentas de influências. Na verdade, as ideologias e o momento político moldam, de maneira decisiva, até mesmo o mais descompromissado dos gibis (p. 02).

Tendo consciência da importância desse papel atribuído e assumido pelas HQs, foi proposto este presente trabalho que tem por intuito principal analisar a representação da surdez no contexto das HQs através do personagem Humberto da Turma da Mônica, com o intuito de procurar compreender as mudanças representacionais no âmbito das HQs através de um estudo analítico, com o propósito de motivar surgimentos de pesquisas acerca desse objeto.

O que motivou esta pesquisa foi perceber, durante o período de estágio supervisionado em uma escola do município de Ananindeua – no âmbito da graduação de Letras Língua Portuguesa- as diversas formas e adaptações para que as HQs fossem trabalhadas dentro de uma sala de aula regular. No entanto, nenhuma forma de trabalho ou adequação ou adaptação foi feita para atender uma aluna surda do 6º ano do ensino fundamental - destacando que ela já possuía conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

O conteúdo era repassado a ela através de uma colega de classe que tentava ensinar o assunto de uma forma que ela pudesse vir a se interessar, mas nem todas as vezes tinha êxito em suas explicações. Na sala do Atendimento Especializado (AEE) da escola, algumas estratégias didáticas eram feitas com as HQs, mas não atendiam a todos os alunos com deficiências, dentre estes os Surdos.

Por meio deste fato, surgiu-nos algumas inquietações: a escola possuía um aluno surdo e não tinha conhecimento a respeito de suas especificidades, para poder inseri-lo nas atividades com os outros alunos da classe; a escola não reconhecia o surdo, fazendo-o não ter conhecimento de sua identidade e de saber que esta identidade se encontra inserida em um contexto histórico; a escola não utilizava os conteúdos das HQs de maneira flexibilizada aos alunos dessa classe.

Com base nestas inquietações e a partir de nossas observações acerca da representação designada do ser uma pessoa surda e do próprio contexto que o personagem Humberto está sendo apresentado dentro das HQs e a respeito dessa

percepção de algumas mudanças de pensamento ao longo dos anos, relacionam-se a representação da Surdez no meio social e educacional.

Diante deste contexto, essa pesquisa trará à tona um estudo analítico do personagem Humberto da turma da Mônica, pois ele é a figura que transita ao longo dos anos e representa a surdez dentro das HQs da Turma da Mônica para a sociedade.

Com base nestes pressupostos surgiu-nos a seguinte **problemática**: Como a surdez é representada no contexto das HQs, a partir da análise do personagem Humberto da Turma da Mônica? A partir desta problemática temos as seguintes **questões norteadoras**: O que é Representação? Qual o perfil do personagem Humberto no contexto das HQs da Turma da Mônica? Como a surdez é representada dentro do contexto das HQs, a partir da análise do personagem Humberto da Turma da Mônica? De que forma ocorreram as mudanças de representações sobre a surdez ao longo das publicações de HQs da Turma da Mônica?

A respeito disso também entendemos que a diferentes tipos de literatura. A respeito da surdez quando tratamos de literatura para a comunidade surda selecionamos a literatura visual, que segundo Porto (2011, p. 167), delimita que os processos de apropriação dos saberes por meio da literatura visual surgem no instante em que as pessoas surdas são apresentadas as “produções imagéticas de sua língua”. Entendemos que o surdo se apropria de seu espaço e conceitos por meio do visual. Daí destacamos os fatores do porquê da escolha da Literatura em Quadrinhos e do personagem Humberto como nosso objeto de estudo.

Para responder a estas questões traçamos como **objetivo geral** analisar como a surdez é representada no contexto das HQs, a partir de uma análise do personagem Humberto da Turma da Mônica. De forma **específica** visamos abordar teoricamente o conceito de Representação e descrever o perfil do personagem Humberto no contexto das HQs da Turma da Mônica; apresentar um estudo analítico e sociológico de como a surdez é representada no contexto das HQs, a partir da análise do personagem Humberto da Turma da Mônica; analisar as mudanças de representações sobre a surdez ao longo das publicações de HQs da Turma da Mônica.

Como qualquer atividade humana, as produções literárias, enquanto construções coletivas, contribuem com a organização de nossa visão sobre o mundo

e estão alicerçadas em uma cultura que influencia a lógica da língua, significando e dando sentido ao modo como desenvolvemos nossas relações com o outro.

Este Trabalho de Conclusão de Curso está dividido da seguinte forma: partimos desta Seção I que contém a introdução em que abordamos as motivações do nosso estudo, as hipóteses, bem como a problemática, as questões norteadoras, o objetivo geral e os objetivos específicos de nosso estudo.

Na seção II apresentamos a metodologia que traz o conceito de abordagem qualitativa de nossa pesquisa que também sendo também uma pesquisa bibliográfica com característica de análise documental, com o intuito de trazer uma visão geral e mais aprofundada de como é retratada as mudanças representacionais sobre o personagem Humberto da Turma da Mônica e sobre a surdez no âmbito das HQs, com base em metas e hipóteses, sendo estas investigadas com base teórica de quatro autores principais, sendo estes: Pesavento (2005); Skliar (1998; 2003; 2010; 2011), Sperber (2001); Vergueiro (2004).

Na seção III discutimos primeiramente o perfil de Humberto e a representação sobre o personagem no contexto das histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, com uma abordagem a respeito das representações descritas sobre as pessoas surdas dentro dessas HQs, por conseguinte é feita a apresentação de um quadro montado para expor as características a respeito do nosso objeto de estudo, em seguida são feitas descrições de cada item exposto no quadro e por último é feita uma descrição das expressões do personagem por meio dos balões de comunicação.

Na seção IV abordamos sobre as representações dentro das HQs da Turma da Mônica, expondo atitudes e entendimentos com inúmeras descrições a respeito de identidades e o meio social de como é entendida e representada a surdez através do personagem Humberto por meio do quadro representativo de Sperber (2001), apresentando um estudo analítico a partir de quatro perspectivas. Após essas quatro perspectivas serão apresentadas e analisadas neste primeiro momento três revistas das cinco revistas que abordaremos. As três edições analisadas serão as de 1970, 1989 e a de 1990.

Na seção V, temos a análise das duas últimas revistas, as edições de 2006 e 2011. Que traz a presença da Língua de Sinais e do seu uso pelo personagem apenas com o sinal de “oi” e a presença do “*livro de sinais*”. Em seguida também temos o primeiro aparecimento do balão de fala de Libras. Cinco anos depois é publicada a

edição de 2011, intitulada “*Inclusão Social*”, trazendo ‘deficiências’, depois é apresentado dois métodos de aprendizado e é explicado que os ‘deficientes auditivos’ têm dois métodos de aprendizado: o modelo oralista e o gestualista.

Por fim apresentamos a conclusão em que traz uma leitura a respeito da representação da “Surdez” em um veículo midiático como as revistas da Turma da Mônica, com um intuito de auxiliar na construção e na exposição do “diferente, da evolução a respeito de entendimentos do que seja surdez, inclusão, educação inclusiva e algumas leis que as regem, bem como, fazemos uma breve exposição da criação de novas HQs como ferramentas pedagógicas, da criação do Curso de Letras Libras e Língua Portuguesa como segunda língua para Surdos (LP2) da Universidade Federal do Pará e o que esperamos com esta pesquisa. Por fim delimitamos as referências que sustentaram este estudo.

2 METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido por meio de pesquisa de abordagem qualitativa, que compreende “um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados como: entender comportamentos, atitudes e motivações que influenciam ou determinam uma escolha. Sendo utilizada para aprofundar conhecimentos que já tenham sido quantificados por bases de conhecimentos para posteriormente serem analisados. Tendo por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação (MAANEN, 1979, p. 520) ”.

Por isso, este mesmo estudo será desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica, que traz “um estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral. Fornece um instrumental analítico para qualquer outro tipo de pesquisa, mas também pode esgotar-se em si mesma. O material publicado pode ser fonte primária ou secundária (MORESI, 2003, p. 10) “.

Com características de uma análise documental, “que descreve que se pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema” (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p.38) ”.

A pesquisa bibliográfica com característica de uma análise documental, servirá como um aporte na escolha de um método mais apropriado, assim como num conhecimento das variáveis, na autenticidade da pesquisa e na exploratória que nos permitirá ter uma visão geral e mais aprofundada de como é retratado as mudanças representacionais sobre o personagem Humberto da Turma da Mônica e sobre surdez no âmbito das HQs.

No presente estudo visamos atingir as principais **metas**: serão utilizadas 05 (cinco) revistas da Turma da Mônica para análise; será utilizado um quadro de análise sobre o personagem Humberto; este trabalho terá como base teórica quatro autores: Pesavento (2005); Skliar (1998; 2003; 2010; 2011), Sperber (2001); Vergueiro (2004).

Nosso estudo partiu de algumas **hipóteses** evidenciadas, entre as quais destacamos: a surdez é representada de maneira negativa dentro das HQs da Turma da Mônica; o objeto pesquisado será o personagem Humberto, que é visto a partir da representação de alguém que precisa ouvir ou falar; a temática da surdez sofreu mudanças no contexto das HQs em virtude das discussões de ordem internacional e nacional sobre a pessoa com deficiência. A pesquisa foi desenvolvida com base no seguinte cronograma de atividades:

Quadro 1: Cronograma de organização da pesquisa

Atividades / 2º semestre 2016	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Elaboração do Projeto de Pesquisa	X					
Aprofundamento teórico – Leituras	X	X	X	X	X	X
Coleta de Dados	X	X	X	X	X	X
Análise dos Dados	X	X	X	X	X	X
Elaboração da primeira versão	X					
Atividades / 1º semestre 2017			Jan	Fev	Mar	
Orientações Presenciais			X	X		
Aprofundamento teórico – Leituras			X			
Elaboração da segunda versão			X	X		
Revisão do Texto				X		
Redação Definitiva				X		
Defesa da Monografia (TCC)						X

Fonte: elaboração da autora (2016).

A partir desses dados na seção a seguir apresentamos o perfil de Humberto e a representação sobre o personagem no contexto das histórias em quadrinhos da turma da Monica, bem como, discutimos sobre as formas que esse personagem foi ganhando no decorrer das HQs.

3 O PERFIL DE HUMBERTO E A REPRESENTAÇÃO SOBRE O PERSONAGEM NO CONTEXTO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DA TURMA DA MÔNICA

Os quadrinhos, são conhecidos como um dos gêneros textuais mais difundidos em nossa sociedade, por meio de histórias mais simplificadas, cheias de artifícios visuais (desenhos) e muitas por apresentar histórias sem textos, que acabam aguçando ainda mais a imaginação das pessoas. Os quadrinhos provocam grande interesse em diversos grupos, pela representação dos personagens. Sendo estes, responsáveis pelo grande fascínio das pessoas de acompanhar as histórias.

Analisando o personagem Humberto, foi percebido que ele apresenta e é representado a partir de diversas formas de entendimento com relação: a identidade do sujeito, as representações de como o surdo era visto e apresentado à sociedade em anos anteriores nas HQs da Turma da Mônica até hoje, entre outros.

O personagem Humberto no contexto das HQs encontra-se inserido em um cenário representativo que envolve a aparência e as ações do próprio personagem Humberto, bem como o meio inclusivo que este está inserido. Cardoso-Buckley (2011) diz, que buscamos a inclusão numa comunidade humana cheia de dicotomias e diferenças. Como membros dessa comunidade, somos chamados a valorizar e respeitar todos os sujeitos, com suas potencialidades e dificuldades, mas o preconceito ainda coexiste concomitante com as práticas inclusivas.

Humberto no contexto das HQs assume diferentes identidades. Com relação as diferentes identidades assumidas, citamos Ciampa (2008, p. 144-1445), que trata a identidade como resultante de um desenvolvimento dinâmico, em constante metamorfose: “a gente ir se transformando permanentemente” (...) num “esforço de autodeterminação (mesmo que não plenamente concretizada) sem a ilusão de ausência de determinações, pois o ser humano é matéria”

Assim, iremos perceber que as identidades passam por momentos de transições, transformações e adaptações, a respeito de Humberto percebemos que ao longo dos anos ele vêm se apresentando aos diversos públicos conceitos (de certa forma ouvintistas) representativos do que é ser “especial” e podem vir a causar inquietações. Mas, para tal entendimento Skliar (2003), primeiramente nos expõe a seguintes inquietações representacionais:

Mas a que nos referimos quando falamos de? À imagem de um olhar individual? De um olhar coletivo?? Um olhar desde um lugar protegido

pela mesmidade? Um olhar e uma ação conseqüente para o outro? Um olhar que possa ser também rebeldia do olhar, outro olhar diferente daquele que vimos sempre, sempre igual, sempre no mesmo espaço? Uma reprodução do mesmo no outro? Mapas sem bússolas? E/ou significado de um olhar de cada que cada vez que vê algo de adia e o adia, se difere e o difere, se abandona e o abandona até um novo olhar? (p. 67).

Para entendermos tais inquietações a respeito das representações no contexto das Histórias em Quadrinhos da Turma da Mônica nos apoiamos em estudos que mostram que toda representação “coloca em jogo uma relação entre no mínimo três termos: a própria representação, seu conteúdo e um usuário. Três termos aos quais pode-se acrescentar um quarto: o produtor da representação, quando é distinto do usuário” (SPERBER, 2001, p. 91).

Assim, compreendemos a ideia de representação como algo que expõe o sujeito, que substitui a própria realidade e que possibilita aos seres humanos a fazerem relações mentais, criar ideias, imagens, opiniões, imaginar, fazer planos e ter intenções a respeito de um determinado objeto. Por meio de nossa representação sobre alguém ou algo lançamos um olhar individual a partir de perspectivas coletivas.

Com relação a isso, foi percebido que a representação parte da percepção de um eu para um (a) outro (a) - representação mental, que parte da representação do saber do indivíduo - tratando-se de uma ação que parte de uma comunicação cultural entre os diferentes atores sociais dentro de um mesmo circuito cultural – chegando a uma representação pública afetando vários usuários.

Hall (1997), nos coloca que a representação também pode ser entendida como “um processo de tradução que facilite a comunicação cultural sempre que, antes, se reconheça a persistência da diferença e do poder entre os diferentes falantes dentro de um mesmo circuito cultural” (p. 09).

Assim, quando nos referimos a diferentes atores sociais, temos que entender que para cada sujeito não há apenas uma única representação, mas várias, uma vez que cotidianamente estamos representando os elementos presentes em nosso mundo, inclusive representando os diferentes atores sociais.




Para esses fundamentos a respeito da representação do sujeito, foi traçado um quadro representacional do personagem Humberto e de como ele foi retratado ao longo dos anos, de 1960 até agora, primeiramente descrevendo o seu perfil apresentado nas histórias. Assim, a análise documental desse estudo corresponderá

a uma descrição do personagem que no site oficial de Maurício de Sousa informa que ele foi criado em 1960 e é retratado dentro das HQs como amiguinho de toda a Turma da Mônica e não fala, apenas murmura “hum-hum”.²

Desta forma, foi montado o quadro a seguir em que apresentamos as características a respeito do nosso objeto de estudo, ou seja, apresentamos uma descrição do personagem Humberto da turma da Mônica.

Quadro 2: Descrição do personagem Humberto

HUMBERTO	Características do Personagem	
	NOME: Humberto	
	PERSONAGEM: Criança	
	CRIAÇÃO: 1960	
	GÊNERO: Masculino	
	FAMÍLIA: Desconhecida nas HQs	
	OLHOS: Ovais	
	NARIZ: Redondo	
	CABELO: loiro, tem formato de moita.	
	PELE: Branca	
	PERFIL ECONÔMICO: Não aparenta ser de classe social baixa.	
FALA: Murmura sempre a palavra <i>hum-hum</i> .		

		
1960 -1970	1990 - 2006	2006 - 2011

Fonte: elaboração da autora (2016).

O personagem Humberto foi um dos primeiros personagens criados no ano de 1960 para a Turma da Mônica pelo cartunista Mauricio de Sousa.³ Que através

² Dados obtidos por meio do site: <http://turmadamonica.uol.com.br/personagem/humberto/>

³ Filho de poetas, Mauricio de Sousa nasceu em Santa Isabel. Viveu maior parte da infância em Mogi das Cruzes. Ainda criança, chamou a atenção com seu talento e passou a desenhar cartazes para comerciantes e ilustrações para jornais locais. Aos 19 anos, montou seu portfólio e mudou-se para a capital. Candidatou-se para uma vaga de repórter policial no jornal Folha da Manhã. Foi nessa função que aprendeu a linguagem objetiva do jornalismo, também necessária para as Hq's - sempre que o

dele iremos discorrer teoricamente a respeito das representações sociais e descrever o perfil do personagem Humberto apresentado dentro dessas histórias e as rotulações apresentadas a sociedade por meio destas a respeito do sujeito surdo.

Como é colocado no quadro acima, Humberto é uma criança, do gênero masculino, sua família é desconhecida no contexto das Histórias em Quadrinhos, seus olhos são ovais, seu nariz é redondo. O personagem é loiro, seu cabelo tem formato de moita, sua pele é branca e em relação ao perfil econômico o personagem não aparenta ser de classe social baixa. Nas Histórias em Quadrinhos o personagem não fala e sempre murmura da onomatopeia *hum-hum*.⁴

Desde 1960 até os dias atuais o personagem Humberto sofreu algumas mudanças em sua aparência: o rosto que era mais triangular, hoje é um pouco mais arredondado e o mesmo ainda murmura em algumas histórias, porém passou a se expressar por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras).⁵ Destacamos que o personagem Humberto se assemelha a outros personagens conforme veremos a seguir:

fotógrafo não conseguia a imagem para as matérias, Mauricio ilustrava. Cinco anos depois, seus desenhos chamaram a atenção dos chefes e uma tirinha dos personagens Bidu e Franjinha foi publicada. O cartunista criou então um sistema de redistribuição, em 10 anos, fazia com que as histórias chegassem a mais de 300 jornais no Brasil. Em 1970, lançou a revista da Mônica pela editora Abril, tornando-se um sucesso. Nos anos seguintes, surgiram alguns dos amigos famosos: Cebolinha, Magali e Cascão, outros. Hoje, a Mauricio de Sousa Produções é um dos maiores estúdios do mundo e produz, em média, um gibi por dia.

Entrevista à Revista da Bienal do Livro de São Paulo, agosto de 2014. 1ª edição, p. 16. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/127361/Bienal%20em%20Revista_Fernanda%20Costa.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 12 de março de 2017

⁴ De acordo com Cunha (2000, p. 561), onom (a) é o elemento composto do grego ónoma-tos que significa “nome”, do baixo latim onomatopeia, derivado do grego onomatopeia, sendo a ação de imitar uma palavra por imitação do som ou simplesmente, criação de palavras. Para complementar Vergueiro (2007, p. 62) diz que, elas variam de país a país, na medida em que diferentes culturas representam os sons de acordo com o idioma utilizado para sua comunicação.

⁵ A Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi estabelecida, na Lei nº 10.436/2002 (BRASIL, 2012), como língua oficial das pessoas surdas. De acordo com o próprio termo, a Libras é utilizada somente no Brasil, assim como a Língua Portuguesa, destacando-se o parágrafo único: Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras é a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visuomotora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideais e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Figura 1: Descrição do personagem Jeremias



Fonte: <http://pt-br.monica.wikia.com/wiki/Jeremias>

Os olhos ovais e o nariz redondo são semelhantes ao personagem Jeremias. Já seu cabelo, apesar de loiro, tem formato de moita, bastante parecido com o cabelo do personagem Cascão.

Figura 2: Descrição do personagem Cascão



Fonte: <http://pt-br.monica.wikia.com/wiki/Casc%C3%A3o>

Ao descrevermos as características de Humberto, percebemos alguns traços semelhantes a dois personagens, o primeiro é Jeremias (que é negro e um dos velhos amigos da Turma e também um dos personagens mais antigos de Maurício de Sousa). Humberto tem os olhos e o nariz semelhante aos de Jeremias.

A respeito dessa semelhança o que nos chama a atenção é perceber o porquê Humberto não possui os olhos e o nariz semelhantes aos outros personagens como os olhos da Mônica, do Cebolinha, da Magali ou até mesmo do Cascão já que possuem os cabelos parecidos – em formato de moita. Desta forma já percebemos que dentro das HQs, mesmo abordando sobre um processo de inclusão, há a presença, de uma marca que talvez, mesmo não querendo, aborda a exclusão.

Humberto tem pele clara, cabelos loiros e aparenta estar sempre limpo, ainda assim o personagem possui o formato do cabelo ao semelhante com o cabelo do personagem Cascão. Então, inferimos que a semelhança entre ambos está ligada somente ao cabelo, pois sabemos que Cascão é um personagem que não gosta de banho e aparenta ter uma pele suja, bem diferente de Humberto.

No decorrer das histórias que o personagem Humberto está presente, não há a descrição se possui ou não família. No site oficial da Turma da Mônica - no qual descreve cada personagem criado pelo cartunista informa que Humberto é amiguinho da criançada da Turma da Mônica, não fala. Só murmura “hum-hum”... uns acham que ele é mudo. Outros, que economiza a voz. Mas enquanto isso, vai aprontando alguma confusão. Por exemplo: quando alguém lhe pergunta “quantos doces você quer? ”, ele nunca conseguiu ganhar dois. Sempre ganha apenas um! (MAURÍCIO DE SOUSA PRODUÇÕES, 2017).

Podemos dizer que o nome escolhido a Humberto pode estar ligado à sua forma de se expressar, ou vice-versa. No dicionário a interjeição *hum-hum* designa dúvida ou desconfiança, ou seja, um personagem que sempre é exposto a situações duvidosas e que nos transmite inúmeras representações.

A respeito das primeiras histórias (a partir da década de 70) não nos deixa claro se ele é surdo ou possui problemas auditivos, pelo fato de murmurar hum-hum. A partir do ano de 2006, após a implementação da Lei 10.436/2002, a Libras, começa a se fazer presente, mesmo que de forma muito tímida, no contexto das HQs. Temos como exemplo a edição de Nº 338, ano 2006, na história intitulada “*Aprendendo a falar com as mãos*”, através de um Livro de Sinais e do quadro contendo o alfabeto manual, mais a presença de alguns sinais, como: *legal*, *oi* e *ok*. Observe a seguir:

Figura 3: Descrição das expressões do personagem Humberto



Fonte: elaboração a partir de Souza (1970 a 2006).

Outro fator que nos chama a atenção a respeito desse personagem são os balões utilizando a Libras. É uma criação interessante, ao lado de tantos outros balões das convenções de Histórias em Quadrinhos, como os balões de fala, de pensamento, de sonho, que já existem normalmente. Os balões de comunicação dele são apenas os de: admiração, pensamento, palavras ou xingamentos (esses são incógnitas), fala, o de estar zangado e o de dúvida.

Figura 4: Balão de descrição das expressões do personagem Humberto



Fonte: google.com

Os balões de fala dentro das histórias em quadrinhos nas HQs são variados e por meio deles percebemos de que forma o personagem está se expressando. Para Ramos (2012), o balão é uma conversão própria da história em quadrinhos que serve para interagir à vinheta do discurso ou o pensamento dos personagens e ele possui dois elementos: o continente (corpo e rabicho/ apêndice) e o conteúdo (linguagem escrita ou imagem).

O continente pode adquirir diversos formatos, cada um com uma carga semântica e expressiva diferente. Por isso convencionou-se chamar balão de fala ou balão-fala. Dentre as análises das cinco revistas da Turma da Mônica do período de 1960 até os dias atuais, o nosso objeto de estudo - o personagem Humberto – se faz utilizar de apenas cinco balões de comunicação.

O primeiro é o balão-fala, que é o mais comum e expressivamente o mais neutro e possui o contorno com traçado reto e contínuo; o segundo é o balão de admiração, que possui o contorno ondulado e com uma exclamação; o terceiro é o de pensamento, que possui o contorno ondulado e apêndice em formato de bolinhas, sendo similar a uma nuvem; o quarto é balão que descreve quando o personagem está zangado, não possui formato certo, mas o que classifica é a sua cor escura ou

vem com uns desenhos como se estivesse resmungando ou zangado, o quinto é o de dúvida, que possui um contorno de traçado reto (RAMOS, 2012).

Com relação ao balão de Libras que se faz presente no diálogo com Humberto, o qual utiliza-se a Libras, é novo. Possui uma linha reta na parte de cima, o corpo meio ondulado e com cores de fundo no balão, sendo diferente dos outros já existentes que possuem a cor branca de fundo. Esse balão começou a aparecer nas revistas da Turma da Mônica na edição de 2006 e que ainda possui uma observação na edição no final da página dizendo “*Sempre que o balão aparecer assim é porque a turma está usando a linguagem de sinais*”. Neste momento apesar da Lei 10.436/2002, já estar em vigor, e delimitar a Libras como um língua, percebemos que ainda há o uso do termo “linguagem de sinais”.

Figura 5: Balão de fala de Libras



Fonte: elaboração a partir de Souza (2011, pág. 40).

Os balões de fala nas histórias da turma em que Humberto aparece passou por mudanças ao longo dos anos, pois primeiramente ele possuía balões de fala iguais aos dos outros personagens e não possuía nenhuma definição se o personagem era surdo ou se tinha algum problema na fala ou se somente sabia falar a expressão *Hum* ou *HUM-HUM*. Já nas edições a partir de 2006 temos Humberto sendo apresentado como um personagem surdo e usando a Libras, mesmo com afirmações muitas vezes equivocadas como foi citado anteriormente.

Na seção a seguir trataremos uma discussão sobre as representações dentro das HQs da Turma da Mônica, expondo atitudes e entendimentos a respeito de identidades e o meio social e de como é entendida e representada a surdez através do personagem Humberto por meio um estudo analítico a partir de quatro perspectivas e logo após são feitas primeiramente análises de três revistas, as edições de: 1970, a

de 1989 e a de 1990 e na quinta seção é descrita as duas últimas revistas, sendo elas as edições de 2006 e 2011.

4 REPRESENTAÇÕES SOBRE A SURDEZ NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DA TURMA DA MÔNICA

Para se fazer entender este estudo analítico a respeito das representações dentro das HQs da Turma da Mônica, procedemos de atitudes e entendimentos expostos desde 1960 até a atualidade com inúmeras descrições a respeito de identidades e o meio social como é entendida e representada a surdez através do personagem Humberto.

Percebemos que a temática da surdez, dentro das histórias em quadrinho da Turma da Mônica, insiste em uma centralidade individual, que se expande, se multiplica, até se tornar uma única representação do mesmo. Com relação a isso Skliar (2003) expõe que “não existe uma única representação, senão várias representações” (p. 67-68).

Para entendermos as diferentes representações no contexto dessas histórias, partimos do entendimento representativo das quatro perspectivas de Sperber (2001):

Quadro 3: Quadro Representativo



Fonte: elaboração a partir de Sperber (2001).

O Quadro Representativo de Sperber (2001, p. 91), faz referência a quatro Representações: a primeira é a própria representação (que está associada ao que é colocado, ou seja, nosso primeiro olhar); a segunda está ligada ao seu conteúdo (que

é onde e como o objeto está sendo inserido e descrito a partir de algo); a terceira há um usuário (ligada ao indivíduo que irá fazer a interpretação de algo exposto anteriormente na própria representação e no seu conteúdo); e a última está ligada ao produtor da representação, quando é distinto do usuário (na qual está ligada a disseminação de entendimentos individuais ou não, certos ou equivocados, dependendo do que lhe foi apresentado anteriormente).

Ao associarmos o quadro representativo de Sperber (2001), ao personagem Humberto, podemos delimitar que a primeira representação seria a imagem do próprio personagem; a segunda é de como ele é colocado, demonstrado e apresentado nas histórias; a terceira ligada ao olhar partindo de entendimentos e a última está ligada a proporção dessas representações dentro das HQs da Turma da Mônica, levando a diferentes usuários a produzir, construir, entender, reproduzir e a interpretar entendimentos, sendo muitas vezes generalizados dos conteúdos a partir do que lhe foi colocado inicialmente.

Nesse sentido Sperber (2001, p. 91), entende que há dois tipos de representações: a mental e a pública. Sendo uma resultante da outra no processo de comunicação. A representação mental irá causar uma inquietação no usuário, pois ele está ali exposto as representações de imagens que trazem conceitos – verdadeiros ou não. Já a representação pública parte de entendimentos de um usuário que depois passa a ser associado ao produtor ou aos produtores das representações, causando várias interpretações parecidas ou não, individuais ou coletivas.

A mídia, por ser um elemento do meio social, configura-se como um importante fator de influência na construção e significação das identidades e, desta forma, um elemento que contribui para as nossas representações acerca dos objetos em nossa volta. A respeito disso Skliar (2003) expõe que a:

(...) representação insiste com sua centrabilidade individual ou coletiva, ela se exacerba, se multiplica, se torna uma repetição do mesmo. Houve e continua havendo uma tendência a considerar a representação um conjunto de conceitos, afirmações e explicações provenientes da vida cotidiana e vinculados a uma forma específica de adquirir e comunicar conhecimentos; uma espécie de sentido comum que se dissemina em aparência sem intenção nem finalidade; conteúdos descritivos – isto é, informações, imagens, atitudes etc. - que não se submetem a uma pura exterioridade, que não são puro reflexo, pura transparência (p. 68).

Skliar (2003), coloca que a representação mexe com o consciente, tanto do indivíduo, quanto aos dos indivíduos, fazendo surgir delimitações acerca do sujeito (verdadeiras ou não), que por se reafirmarem repetidas vezes acabam sendo consideradas conceitos relativamente afirmativos e específicos com relação ao indivíduo exposto que anteriormente foi delimitado daquilo e conceituado depois que foi exposto a público. Nas revistas da Turma da Mônica a seguir perceberemos o quanto essas representações mexem com o consciente do (s) indivíduo (os).

Na revista 'Mônica nº 2' de 1970, em "*Quem conta um conto*", há uma pequena participação de Humberto nela junto com seu amigo Jeremias. Nela, conta a história de Franjinha a respeito dos equívocos a respeito de troca de palavras causando muitas confusões.

Nessa edição, existem algumas aparições do personagem Humberto e já há presença de um balão que se refere uma fala comum com a expressão "*Hum*".

Figura 6: Trecho da HQ "*Quem conta um conto*"



Fonte: Revista - 'Mônica Nº 2' - Ed. Abril, 1970, p. 23.

Neste trecho desta edição o balão da fala de Humberto percebemos que a reação dele é de espanto pelo que está sendo contado a ele e a Jeremias, assim como também pode-se entender que essa fala pode estar ligada aos dois. Um outro fator que pode ser destacado nessa edição de 1970 é de que Humberto não é surdo, pois pela imagem exposta acima, é de uma representação de garoto que está escutando a história que seus dois outros amigos querem compartilhar e depois saem

para compartilhar o que lhes foi contado para as suas famílias, que dar-se a entender que ele fará o mesmo que Jeremias, saindo cada um para um lado.

Alguns anos depois já no ano de 1989, Humberto volta a aparecer nas histórias da Turma da Mônica, na edição de Nº 30, em S.O.S Teveluizão (Figura 7).

Figura 7: Trecho da HQ "S.O.S. Teveluizão"



Fonte: Revista - "Mônica Nº 30", Ed. Globo, 1989, p. 52.

Na história "S.O.S. Teveluizão", da Mônica de Nº 30, conta a história da mãe do *Teveluizão* que procura a turminha porque andava preocupada que o filho ficava na frente da televisão o dia todo e queria que eles o convencessem a sair para brincar.

A turma aproveita e carrega o *Teveluizão* para brincar na rua e aí eles fazem com que brinque de balanço, carrinho de rolimã, casinha, cabra-cega, empinar pipa, entre outras brincadeiras. No final, *Teveluizão* vai embora e volta logo depois com uma filmadora para gravar tudo em vídeo e poder assistir tudo na televisão.

Nesta edição as aparições de Humberto são de forma contida. Percebemos que ele aparece repetindo os mesmos gestos dos outros personagens, por exemplo exprimindo: alegria e ergue as mãos, fica feliz, participa das brincadeiras, mas em nenhum momento possui uma fala ou pensamento partindo diretamente deste personagem.

Outra edição selecionada, sendo depois republicada, foi a primeira edição da revista *Cebolinha* nº 109' (Ed. Abril, 1982) e que foi republicada no *Almanaque do Cebolinha* nº 11' (Ed. Globo, 1990), demonstrando a presença de Humberto como uma garoto que possui uma única fala - a expressão ou a interjeição *Hum*. E percebemos que em nenhum momento é afirmado algo que possa se entender o porquê de sua fala ser apenas esta expressão.

A respeito da sua única fala “*Hum*”, percebemos que em alguns momentos nessa edição ela significa apenas a fala do personagem, em outro momento se faz entender que é uma expressão explicativa ou numérica, outros são como se o personagem estivesse resmungando e zangado. Outro entendimento que devemos destacar nesta edição são os duplos sentidos da fala do balão de fala do personagem (apresentadas nas Figuras 8, 9 e 10).

A edição de 1990 intitula-se “*Humberto vendendo sorvetes*”, a história se resume em um vendedor de sorvetes que pede para Humberto vendê-los enquanto o vendedor tem algo a fazer de muito importante (ir ao banheiro). Humberto, como bom menino que aparenta ser, aceita o pedido do vendedor e começa a sair a vender sorvete alegremente.

Figura 8: Quadrinhos de “Humberto vendendo sorvetes”



Fonte: Almanaque do Cebolinha nº 11', Ed. Globo, 1990, p. 52.

Nos primeiros balõeszinhos da história o personagem aparece admirado – como percebemos no primeiro balãozinho – e depois pensando no lucro da venda dos sorvetes. Já nos balões das páginas seguintes percebemos o equívoco (Figura 9), por meio das falas de Humberto, como: a interjeição *Hum*, entendida como numeral *Um*.

Figura 9: Equívocos em “Humberto vendendo sorvetes”



Fonte: Almanaque do Cebolinha nº 11', Ed. Globo, 1990, p. 53.

Nos balões de fala da página 53, um rapaz chega até Humberto para comprar um sorvete e pergunta: do que tem? A sua resposta é representada pela expressão “Hum”, sendo repetida três vezes. Para quem já possui um conhecimento a respeito do personagem entende pelo balão de fala e pela imagem do personagem que se há uma repetição - entende-se que há mais de um sabor. No entanto como o rapaz escuta o ‘murmuro’ *Hum*, entendeu que este murmuro estava se referindo ao numeral *Um*, relacionado a quantidade. Assim também como entendeu que o custo do sorvete era um cruzeiro e Humberto sai resmungando.

Figura 10: Rotulação em “Humberto vendendo sorvetes”



Fonte: Almanaque do Cebolinha nº 11', Ed. Globo, 1990, p. 54.

Na página 54 Humberto continua a caminhar com o carrinho do sorvete e encontra uma moça querendo comprar dois sorvetes de abacaxi, ele traz para ela os dois sorvetes e a entrega utilizando a expressão *HUM* e a moça responde: *UM NÃO! EU PEDI DOIS!*

Neste momento novamente é entendido a expressão “*HUM*” como um numeral. E o personagem ainda é entendido como uma pessoa míope – de certo modo chegando a ser maldoso o comentário - ou que não sabe contar pela moça que está comprando o sorvete, que por entender que ele está cobrando apenas um sorvete, acaba pagando apenas um sorvete. Percebemos que, após a análise dessas três revistas das histórias em quadrinhos da Turma da Mônica que em nenhum momento fica claro que o nosso objeto de análise é surdo ou que possui algum déficit auditivo, e sim, visto como um garoto “comum”, que somente se expressa pela expressão “*HUM*”.

Assim Skliar (2003), coloca que “a imagem não produz outra coisa senão o obrigar (-nos) a representar o mundo como espaços do mesmo (dentro, incluindo) e do outro (fora, excluído)” (p. 72). Assim percebemos que algumas imagens e falas representativas induzem o leitor a tirar conclusões de um certo modo equivocadas, pois entendem que o que está sendo exposto naquela imagem é verdadeiro.

Destacamos que as representações sobre a imagem da surdez ou da pessoa surda - com relação ao personagem Humberto - são elaboradas de forma negativa, ao colocar apenas uma forma de expressão, como alguém que não sabe se comunicar de outras formas, como uma pessoa com algum déficit de atenção, chegando a ser incapaz de aprender a contar, ou a falar. Sendo este personagem exposto a alguns sarcasmos, ironias, entre outros. Através disso essas representações acabam causando nos usuários idealizações do sujeito surdo, gerando representações mentais até chegar aos entendimentos coletivos – representação pública - de que os surdos são pessoas incapazes de aprender, a contar, ou a falar.

Na seção que se segue apresentamos as mudanças de representações sobre a surdez ao longo dos anos das publicações de HQs da Turma da Mônica, por meio das edições de 2006 e 2011, com a primeira aparição da Libras - uma nova língua - dentro das HQs apresentando aos leitores uma nova forma de comunicação.

5 AS MUDANÇAS DE REPRESENTAÇÕES SOBRE A SURDEZ AO LONGO DAS PUBLICAÇÕES DE HQ'S DA TURMA DA MÔNICA

Alguns anos depois, na edição de 2006 de Nº 338 da revista Mônica, em um de seus capítulos está destinado ao personagem Humberto, intitulado ‘*Aprendendo a falar com as mãos*’. Nesta edição já percebemos a presença da Língua de Sinais e do seu uso pelo personagem apenas com o sinal de “oi” e a presença do “*livro de sinais*”, como é citado na revista que dá ênfase ao alfabeto manual. Descrevendo uma comunicação entre Cebolinha, Mônica, Cascão e Magali por meio do alfabeto manual.

A história mostra que outros personagens se comunicam com ele pelo oralismo, sem mostrar que ele lê os lábios: parece que ele ouve e não fala. Na edição de maio de 2006, Humberto já aparece utilizando a Língua de Sinais para a comunicação e as outras crianças da turma procuram aprender para se comunicar com ele, principalmente entender seus sinais.

O gibi mostra a valorização de Língua de Sinais, como uma forma de comunicação de surdos; assim, as crianças brasileiras, ao lerem o gibi, já começam a aprender pelo menos o básico da comunicação – através da Língua Brasileira de Sinais - com os surdos e tentar se familiarizar com a sua forma de comunicação.

Figura 11: Apresentação tímida da Libras, “Humberto em aprendendo a falar com as mãos!”



Fonte: Revista da Mônica nº 338', Ed. Globo, 2006, p.35

Humberto fala “oi” em Libras para Magali e ela responde perguntando se ele está servido do sorvete e ele a responde com a expressão ‘HUM’ (sendo repetida três

vezes). Neste momento começamos a perceber os equívocos a respeito dos balões de comunicação. Primeiramente o balão de fala que está colocado para Humberto com a expressão 'HUM'. Se a expressão estivesse sido colocada apenas duas vezes, podíamos entender como uma resposta negativa (HUM! HUM!).

Por conseguinte, podemos também entender pela imagem ilustrativa e representativa da página 35, que Humberto por estar aprendendo com o livro de sinais esteja aprendendo o alfabeto e fazendo o sinal da consoante 'b' no momento em que Magali chegou, mas ao ver Humberto fazendo a letra 'b', interligou o sinal da consoante com a expressão negativa, por que mostra que há um movimento da mão. Na sequência, Cascão percebe a situação e vai ao encontro dos dois e chama a atenção de Magali.

Figura 12: Não entendimento da Libras, “Humberto em aprendendo a falar com as mãos!”

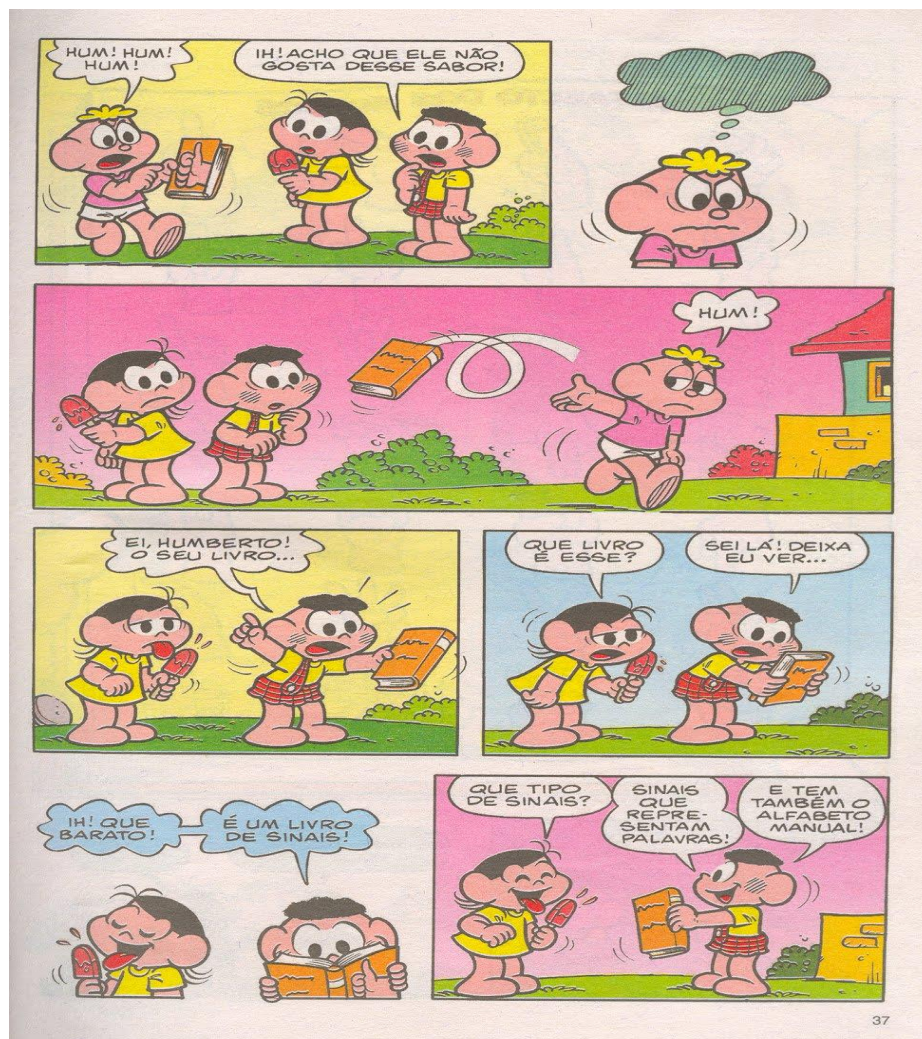


Fonte: Revista da Mônica nº 338', Ed. Globo, 2006, p. 36.

Cascão neste momento chega e diz que não acredita no que acabou de ver e ouvir de Magali. Para o Cascão, Humberto não consegue se comunicar (p. 36) e nesta página nos certificamos que Magali entendeu que Humberto disse “NÃO” pelo sinal que ele fez. Em seguida Humberto tenta chamá-los para que eles vejam o livro, só que novamente a única expressão colocada a ele é “HUM”, repetida várias vezes. Assim, Cascão e Magali não entendem nada e Cascão ainda continua e diz: “*Deixa comigo parceiro!*” (Figura 12).

Continuando a história, Humberto ainda tenta argumentar (sempre com o balão de fala da expressão HUM), mostrando o livro de sinais novamente para Cascão e Magali, mas os dois não entendem nada. Com isso, Humberto acaba se irritando e joga o livro fora e vai embora triste. Cascão ao pegar o livro do chão e ao olhá-lo percebe que ele é um Livro de Sinais e por sua expressão gosta do que vê. Magali então pergunta que tipo de sinais? E ele responde falando que são sinais que representam palavras e também o alfabeto manual de Libras.

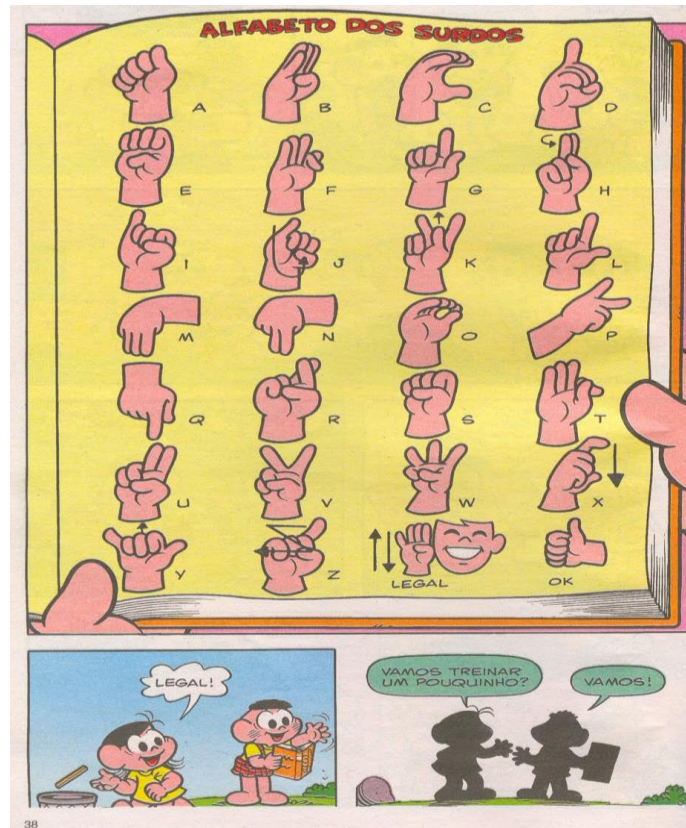
Figura 13: O livro de sinais, “Humberto em aprendendo a falar com as mãos!”



Fonte: Revista da Mônica nº 338', Ed. Globo, 2006, p. 37.

Na página 38 do Livro de Sinais (Figura 14), que estava com Humberto há o alfabeto manual, mais o sinal de legal e ok, então os dois começam a treinar (...).

Figura 14: Alfabeto dos Surdos, “Humberto em aprendendo a falar com as mãos!”



Fonte: Revista da Mônica nº 338', Ed. Globo, 2006, p. 38.

Já na página 40, Humberto retorna para pegar seu livro e encontra Cascão conversando com Mônica, Cebolinha e Magali, como se ele estivesse ensinando alguns sinais. Humberto chega ainda a utilizar a expressão *HUM* três vezes (animado). Neste momento Cascão diz que vai conversar com o seu amigo Humberto, que fica confuso.

Mas a frente nesta mesma página, há o primeiro aparecimento do balão de fala de Libras. É interessante destacar que o balão de fala de Libras (com cores diferentes) não é utilizado por Humberto em nenhum momento e sim com os outros personagens que estão dialogando com o Humberto. Cascão conversa utilizando a Libras, dizendo que a turma gostou muito do Livro de Sinais e que agora podem se comunicar e Humberto fica impressionado e feliz com isso – Humberto continua a se comunicar com seu balão de fala com a expressão “*HUM*”

Figura 15: Exposição do novo balão de fala - o balão de Libras. “Humberto em aprendendo a falar com as mãos!”



Fonte: Revista da Mônica nº 338', Ed. Globo, 2006, p. 40.

No diálogo que Magali tem com Humberto (falando oralmente e utilizando a Libras ao mesmo tempo), o seu balão de fala nesse momento não é o novo balão de Libras e sim o balão de fala utilizado por todos os personagens. E depois quando ela utiliza somente a Libras é utilizado o balão próprio agora de Libras. Magali ainda interpreta para Mônica o que Humberto está dizendo. Em meio há isso percebemos que mesmo Magali interpretando o que Humberto diz, em nenhum momento aparece um balão de fala de Libras para Humberto.

Toda a turma aparece estar encantada com a nova língua que aprenderam para poder se comunicar com o seu amigo. Humberto percebendo isso pega o livro e sai para treinar ainda mais. A história finaliza com a frase descrita através do alfabeto manual de Libras e a turma instigando os leitores perguntando se sabem o que está escrito e se não sabem que eles olhem na página que está o alfabeto manual de Libras, a frase descrita é “Amo vocês”.

Figura 16: Comunicação em Libras “Humberto em aprendendo a falar com as mãos!”



Fonte: Revista da Mônica nº 338, Ed. Globo, 2006, p. 41.

Cinco anos depois é publicada a edição de Nº 48, do ano de 2011, intitulada “*Inclusão Social*”, trazendo essas ‘deficiências’ como a: Cegueira, a Deficiência Motora, a Surdez e a Síndrome de Down. Assim, percebemos alguns olhares representacionais pelos quais as pessoas com deficiências estão sendo exposta.

A história de 2011, da *Inclusão Social*, é dividida em partes. No entanto foi selecionada apenas a primeira para a nossa análise. Ela começa com a Mônica indo à escola e pelo caminho vai encontrar alguns amiguinhos com ‘deficiências’ e começa a descrever um pouco de cada uma: a primeira é Dorinha (Deficiente Visual), o segundo é Luca (Deficiência Motora); o terceiro é Humberto (Surdo). Ao encontrar Humberto ela o cumprimenta ele com um oi e ele acena e a responde com sua expressão já conhecida “*HUM!*”, neste momento Mônica começa a descrevê-lo com conceitos generalizados.

No primeiro momento ela começa descrevendo: *O Humberto é um deficiente auditivo e de fala! Não escuta! Ele é surdo!*”. Essas delimitações descritas de

Humberto levam-nos há algumas representações antigas de perspectivas clínicas que caracterizavam e governavam os discursos acerca da surdez limitando-os. A respeito disso Skliar (2010), descreve que:

Ainda hoje, se percebe a necessidade de uma transformação ao nível das representações que conformam os poderes e os saberes clínicos e terapêuticos. Uma transformação que supõe uma análise aprofundada sobre algumas metanarrativas constituídas em grandes “verdades” (p. 8).

Percebemos que apesar desse meio de comunicação - histórias em quadrinhos – ter passado e vem passando por algumas mudanças de exposição de conceitos a respeito da surdez, ainda percebemos mediante algumas metanarrativas (que são narrativas contidas dentro ou além da própria narrativa), que ainda há o enfoque e designações clínicas antigas utilizadas para conceituar a surdez e que são tidas como uma única designação e como sendo verdadeira. Na figura a seguir temos algumas designações taxativas mesmo se falando e se colocando em um contexto de inclusão social.

Figura 17: Representação taxativa e generalizada, “Inclusão social!”



Fonte: Revista da Mônica nº 48, Ed. Panini, 2011, p. 08 e 09.

A surdez nessa edição é conceituada como uma deficiência que interfere no desenvolvimento do ser humano na sociedade e que a forma de aprendizado é

diferente. Antigamente, segundo Goldfeld (1997) a surdez e a consequente mudez eram confundidas com uma inferioridade de inteligência. Até o século XV os surdos eram vistos como pessoas incapazes de serem educadas. A respeito disso, mencionamos que tais conceituações a respeito do aprendizado de um sujeito surdo ainda estão ligadas a conceitos clínicos e entendidos como uma das causas fundamentais na produção do holocausto linguístico, cognitivo e cultural que viveram os surdos.⁶

No segundo momento é descrito que *“as pessoas que nascem surdas tem mais dificuldades de aprendizagem, pois não conhecem a fonética das palavras, fica difícil adquirir uma língua”*; *bem diferentes das que ficam surdas e já sabem se comunicar!* (Figura 18). Parte-se de entendimentos do sujeito surdo ligado a dificuldade de aprendizagem.

A pessoas precisam se fazer entender que ser surdo, não significa ser deficiente ou incapaz de algo. De certo modo, a forma de aprendizado do sujeito surdo é diferente e depende muito do grau de perda auditiva. Com relação ao não conhecer a fonética das palavras – que são os sons produzidos – podemos dizer que há certos empecilhos, mas hoje as escolas já possuem artifícios e materiais educativos para o ensino- aprendizagem de surdos.

Logo após, é feita uma comparação a respeito do aprendizado da pessoa surda a respeito da aquisição de uma língua. Em uma das tirinhas é colocado, desta seguinte forma *“as pessoas que nascem surdas tem mais dificuldade de aprender, pois, não conhecendo a fonética das palavras fica mais difícil adquirir uma língua! ”*.

⁶ Esse holocausto linguístico se deu devido as determinações do congresso de Milão, que foi decidido uma melhor forma de escolarizar os surdos. Em confronto como ensino por meio de sinais, venceu o oralismo, o qual sofreu grande influência do famoso Graham Bell, cuja esposa era surda. Interessante é que não foi dado aos professores surdos o direito de votar. O congresso de Milão aconteceu em 1880. Reunia os intelectuais da época em um evento que teria consequências terríveis para as comunidades surdas do mundo todo. Nessa ocasião ficou demonstrado os surdos não tinham problemas fisiológicos em relação ao aparelho fonador e emissão de voz, fato esse do qual derivou a premissa básica: os surdos não têm problemas para falar. Baseando-se nessa premissa, a comunidade científica da época impôs que as línguas de sinais, ou linguagem gestual, conforme eram conhecidas, fossem definitivamente banidas das práticas educacionais e sociais dos surdos. Adotou-se o método de oralização, sobre aqueles que a usam de fato (ANAIS DO XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA - IMPACTO DO CONGRESSO DE MILÃO SOBRE A LÍNGUA DOS SINAIS.) Disponível em: http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_2/156.pdf. Acesso em 17 março de 2017.

E na outra forma “bem diferente das que ficam surdas e já sabem se comunicar” (Figura 18).

Figura 18: A diferença de não possuir ou de já possuir uma língua, “Inclusão social!”



Fonte: Revista da Mônica nº 48, Ed. Panini, 2011, p. 10.

É importante perceber que reconhecer a capacidade de aprendizagem ou aquisição de uma língua é muito peculiar no desenvolvimento do sujeito independente de ser surdo ou não. O processo de aprendizagem de uma língua de sinais é semelhante ao processo de aquisição de qualquer língua e quanto mais os sujeitos entram em contato com a língua, mais natural será o processo de aquisição.

A história segue comentando também a respeito de uma forma da perda auditiva e apresenta duas formas para tentar solucionar o “problema”. A primeira seria o uso do aparelho auditivo e a segunda com a cirurgia. Se “caso isso não seja possível, com o tempo essas pessoas vão precisar se comunicar de outra maneira!” Na imagem há uma forma de diálogo que não conseguimos entender se é uma

conversa em língua de sinais ou apenas pessoas balançando os braços. O que se percebe é que há dois sujeitos fazendo gestos ou falando um pouco mais alto para se fazerem entender ou que os dois tenham aprendido a fazer leitura labial e estão pensando (uma vez que os balões se referem a pensamentos).

Em seguida, é explicado que os ‘deficientes auditivos’ têm dois métodos de aprendizado por meio dos demais quadrinhos da mesma história.

Figura 19: Métodos de aprendizagem de surdos, em “Inclusão social!”



Fonte: Revista da Mônica nº 48, Ed. Panini, 2011, p. 12.

Em relação ao primeiro método de aprendizado há referência ao modelo oralista ou ouvintismo que se baseia na linguagem oral, sem usar gestos. A este respeito Skliar (2010) comenta que “é nesse olhar-se, e nesse narrar-se que acontecem percepções do ser deficiente, do não ser ouvinte; percepções que legitimam as práticas terapêuticas habituais” (p. 15).

Percebemos o modelo oralista como descrito no quadrinho, que coloca em foco a oralização através dos balões de fala sem usar as mãos. O médico é representado com tranquilidade ao dialogar com o Humberto que o responde da mesma forma através da sua expressão já conhecida. A respeito disso voltamos ao Quadro representativo de Sperber (2001), referindo-se há quatro Representações (Figura 4).

O que podemos entender no modelo oralista é de que a representação explicitada num primeiro momento a imagem de um diálogo calmo, já falado anteriormente, a segunda à forma que o modelo oralista está sendo apresentado e o seu contexto que não aceita outro tipo de comunicação a não ser o oralizado; a terceira há um sujeito que irá fazer a interpretação e a última está ligada a disseminação de entendimentos.

Percebemos que o poder acerca das representações ouvintistas com relação a surdez ainda prevalece com discursos hegemônicos por meio de ideologias e conceitos dominantes, colocando que o sujeito surdo tem que reconhecer-se e olhar-se como um ouvinte, pois está dentro da cultura ouvintista.

Em relação ao segundo método de aprendizado há referência ao gestualista, que ensina a linguagem oral e gestual juntas. Com relação a esse modelo os que defendiam o oralismo acreditavam que o contato dos surdos com a linguagem gestual impediria que eles se desenvolvessem oralmente e os levaria a viver à margem da sociedade ouvinte.

Com relação as edições traremos uma finalização a respeito da análise da edição de 2011 com a Mônica 'afirmando', que conhece todos esses conceitos pois sempre que possível pede para a professora deixá-la ajudar com os "colegas de classe deficientes" e as falas do personagem Humberto continuam a se resumir na expressão *Hum*, para demonstrar e reafirmar que ele é surdo.

Nesse sentido é interessante que Polloka (1994 *apud* Skliar, 2003), considera um chamado à visão que a representação impõe, isto é, uma relação social exercida mediante a manipulações específicas de espaços e corpos imaginários para o benefício (nosso) do olhar (para outro).

Por meio dessas representações, que também são manipulações e ensinamentos simultâneos de poder. Para Skliar (2003) representação e poder:

Já não podem ser distinguidos ou separados. Muito pelo contrário, tendem a se aproximar e a se fundir em uma ampla interseção, ocupando quase toda

a textualidade dos espaços. Já não se trata de um outro alterizado ou objetificado, mas de pensar o porquê de sua objetificação (p. 70).

Assim, é entendido que o processo de representação nas histórias em quadrinhos da turma da Mônica possui dimensões que delegam o direito de representar a quem ou de como os sujeitos e os diferentes grupos sociais e culturais são definidos ao olhar do outro. Essas diferentes dimensões estão ligadas ao falar e agir em nome do outro que acabam por induzir os conceitos a respeito do personagem surdo Humberto.

As representações em torno do personagem Humberto, apesar de serem evidentes em histórias em quadrinhos, ainda assim, refletem o olhar da sociedade como um todo sobre as pessoas surdas. Desta forma, pensamos que nós enquanto educadores, temos a responsabilidade de fazer com que as representações que em certa medida estigmatizam os surdos sejam desconstruídas para que assim a sociedades passe a enxergar ou perceber o surdo como um cidadão que possui uma língua própria e que precisa ser reconhecido a partir de suas diferenças comunicacionais.

Na seção a seguir concluímos nosso estudo por meio de nossas considerações a respeito da representação da “Surdez” em um veículo midiático como as revistas da Turma da Mônica, com um intuito de auxiliar na construção de uma cultura inclusiva e a mudança de identidade e designações de pessoas com deficiência, as conquistas de representação e exposição do “diferente” num veículo midiático, a evolução a respeito de entendimentos do que seja surdez e do que seja inclusão, a respeito da educação inclusiva e algumas leis que as regem, a educação inclusiva e uma breve exposição da criação e novas HQs como ferramentas pedagógicas, da criação do Curso de Letras Libras da Universidade Federal do Pará e o que esperamos com esta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que é interessante observar a exposição e entendimentos do que seja as representações e o que elas causam nos sujeitos. Os quadrinhos tornaram-se disseminadores de cultura e causam nos sujeitos aquisição de conceitos e por muitas vezes mudanças de pensamento por meio de representantes –trazem consigo conteúdos verdadeiros ou não.

A personagens que representação da “Surdez” em um veículo midiático como as revistas da Turma da Mônica, sendo esta de grande circulação nacional e internacional, bem como a presença do personagem Humberto vem com um intuito de auxiliar na construção de uma cultura inclusiva por meio desse veículo público e amplamente midiático.

Nas cinco revistas analisadas observamos que apesar da exposição mesmo que de forma reduzida do personagem durante o período de 1960 até os dias atuais, apresenta conceitos a respeito de identidade, cultura, e definições clínicas (mesmo com delimitações e taxações clínicas e ouvintistas um tanto equivocadas) sobre a surdez que causam inquietações e que podem provocar mudanças de pensamentos nos leitores das HQs da Turma da Mônica.

Conclui-se que a identidade e designações de pessoas com deficiência foi modificada ao longo do tempo, sendo interessante observar essas mudanças como conquistas de representação e exposição do “diferente” num veículo midiático como as revistas da Turma da Mônica, de grande circulação nacional e internacional nos faz entender o quão a sociedade vem evoluindo a respeito de entendimentos do que seja surdez, e do que seja inclusão.

No entanto, não podemos deixar de salientar que atualmente o termo inclusão muitas vezes faz referência a um jogo político e podemos perceber uma certa contrariedade no termo “educação inclusiva”, o qual expõe o contexto escolar em uma realidade conflitiva apesar da vigência de algumas leis e decretos a respeito à inclusão e, neste contexto, à Libras.

Destacamos também que um sistema de ensino ideal quando nos referimos a ‘educação *Inclusiva*’ nas Instituições de Ensino seria que os mesmos conteúdos de ouvintes, fossem flexibilizados para serem aplicados aos alunos surdos, porém que a língua de sinais fosse valorizada neste processo. Pensamos que o educador, para trabalhar com os alunos surdos precisa possuir qualificação em educação especial ou

pelo menos uma habilitação na língua de sinais, uma vez que a Libras, pode proporcionar total interação entre os alunos e um maior desenvolvimento cognitivo. E sabemos que isso muitas vezes, ou quase sempre não acontece.

Com relação a isso ressaltamos a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que traz a conquista de direitos dos surdos em espaços de cidadania. E hoje, no nosso atual contexto escolar, fala-se muito em uma educação inclusiva e Bilíngue, no entanto, sabemos que em nosso cotidiano algumas instituições não atendem esse conceito de educação, mas já percebemos e é exposto muitas vezes na TV que em algumas instituições veem tentando se adequar as leis regulamentadas a Libras ou ao meio inclusivo.

Sobre essa educação Skliar (1998, p. 1), salienta que *“educação bilíngue para surdos pode ser definida como uma oposição aos discursos e às práticas clínicas hegemônicas e como um reconhecimento político da surdez como diferença. Para Skliar a conquista do reconhecimento da inclusão no processo de aprendizagem do sujeito surdo tem o intuito de trazer um reconhecimento da importância da Libras no âmbito escolar, profissional e da sociedade em geral, reforçando que antes os sujeitos surdos, podem conseguir a aquisição de uma língua e aprendizado, dependendo da sua forma e adequação de ensino.*

Hoje, em nossa realidade, já temos a presença dos surdos nas faculdades e universidades, mesmo que de forma tímida. A respeito do nosso cotidiano podemos destacar atualmente a criação nas Instituições de Ensino Superior o curso voltado ao ensino de Libras, como por exemplo o curso de Letras Libras e Língua Portuguesa como segunda língua para surdos da Universidade Federal do Pará.

O referido curso surgiu com o intuito de atender, mostrar e formar membros ou não dessa comunidade minoritária (comunidade surda) expondo diversos conhecimentos e aprendizados a respeito dessa língua - destacando a Libras como L1 para o sujeito surdo e a língua Portuguesa como L2 - como por exemplo a respeito do seus: conhecimentos, parâmetros, como ensina-la, entre outros.

Ao refletimos a respeito dessa mudança no sistema educacional, na sociedade com relação aos sujeitos surdos, percebemos que suas reivindicações vêm ganhando força e espaço na sociedade, os surdos vêm assumindo postos no mercado de trabalho e alguns postos cada vez mais altos como por exemplo qualificações

dentro e fora do país. Isso, revela que as representações negativas direcionadas a estes sujeitos, são apenas ideias equivocadas, que merecem ser desconstruídas.

Atualmente os surdos vem mostrando suas potencialidades, mas isso somente foi possível primeiramente a partir das regulamentações das Leis e decretos, como por exemplo o Decreto Federal nº. 5.626/2005, regulamentando aspectos da Lei nº 10.436/2002, dentre os quais salienta o Art. 3º, do § 1º que a Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

A partir dessa pesquisa entendemos que há necessidade de focar novos olhares pedagógicos e antropológico sobre as HQs, sobre a pessoa surda, pois isto, nos trará revelações e interpretações mais adequadas a respeito da pessoa surda. A adequação das imagens atreladas a diferentes conteúdos didáticos nas HQs, a partir de um viés socioantropológico, podem trazer maiores possibilidades de interpretação destas imagens e dos conteúdos em âmbito social e histórico, desta forma as representações em torno de alguns personagens terão efeito positivo.

Esperamos com este trabalho ter mostrado a relevância da comunidade surda e da sua língua por meio do personagem Humberto, de se fazer entender a respeito do que é ser surdo. Esperamos que nosso texto contribua para diminuir preconceitos e generalizações a respeito da surdez e que possa desmitificar que os surdos são incapazes de aprender, pois percebemos que, nas suas diferenças estes sujeitos possuem uma amplitude de potencialidades.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 12.319, de 01 de setembro de 2010. **Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 02 set. 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12319.htm. Acesso em: 04 out. 2012.

CARDOSO-BUCKLEY, Maria Cecília de Freitas. **Valores influenciando a visão do ser humano e pesquisa em educação especial: uma reflexão**. Rev. bras. educ. espec., Marília, v. 17, n. spe1, ago. 2011.

CIAMPA, A da C. **A estória do Severino e a História da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2008 (1ª ed. 1987).

COSTA, Alan Bonner da Silva; SILVA, Edson Pereira da. Níquel Náusea vai à escola: usos dos quadrinhos em sala de aula. **Comunicação & educação**, Ano XIX, n. 2, jul./dez. 2014.

CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000

DUTRA, Joatam Preis. **História em quadrinhos: a linguagem artística dos quadrinhos**. 3ª ed. São Paulo, 2002.

FONTANA, Edna; ARAÚJO, Fabíola Elisa. **Um Caso “Especial”: a Personagem “Dorinha” da Turma da Mônica**. Perspec. Contemp., Campo Mourão, v.6, n.1, p. 1-17, jan./jun. 2011.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus, 1997.

HALL, Stuart. **"O trabalho de Representação"**. Em: HALL, Stuart (org.) Representação. Representação cultural e Práticas significativas. Londres / Thousand Oaks / Nova Délhi: Sage / Open University, 1997.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986, p.38.

MAANEN , John Van. **Recuperando métodos qualitativos para a pesquisa organizacional**: um prefácio, Na *Ciência Administrativa Quarterly* , vol. 24, No . 4 , dezembro 1979, p. 520- 526 .

MAURÍCIO DE SOUSA PRODUÇÕES. Personagem Humberto. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://turmadamonica.uol.com.br/personagem/humberto/>. Arquivo capturado em 15 de março de 2017).

MORESI, Eduardo. **Metodologia da Pesquisa**. Universidade Católica de Brasília – UCB. Pró- Reitoria de Pós-Graduação – PRPG/ Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Gestão do Conhecimento e Tecnologia da Informação. Brasília – DF, Março- 2003, p. 10.

PESAVENTO, Sandra J.; **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PORTO, Shirley; Peixoto, Janaína. Literatura Visual. Revista Letras Libras. Biblioteca UFBP Digit@l. p.165-196, 2011. Disponível em: <http://portal.virtual.ufpb.br/bibliotecavirtual/files/literatura_visual__1330351986.pdf. Acesso em: 24 out. 2017.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos Quadrinhos**. – 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2012.

SANTOS, Mariana Oliveira dos. **Formação de Leitores: Um Estudo sobre as Histórias em Quadrinhos**. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.15, n.2, p. 05-23, jul /dez., 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. Disponível em: http://ead.ucs.br/orientador/turmaA/Acervo/web_F/web_H/file.2007-0910.5492799236.pdf. Acesso em: 17/02/2017.

SKLIAR, C.B. Um olhar sobre nosso olhar acerca da surdez e as diferenças. In: SKLIAR, C.B. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SKLIAR, C. B. **Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?!** Carlos Skliar; [tradução, Giane Lessa]. Rio de Janeiro: DP& A, 2003.

_____**A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 4ª edição. Porto Alegre: Editora Mediação, 2010.

SKLIAR, C. **A pergunta pelo outro da língua; a pergunta pelo mesmo da língua**. In: LODI, A.C.; HARRISON, K. M. POLLOKA; CAMPOS, S.R.L.; TESKE, O. (Org.). Letramento e minorias. Porto Alegre: Meditação, 2003. Prefácio.

SPERBER, Dan. **O estudo antropológico das representações**: Problemas e perspectiva. São Paulo, Cultrix, 2001.

SOUZA, Jacqueline; KANTORSKI, Luciane Prado; LUIS, Margarita Antonia Villar. **Análise documental e observação participante na pesquisa em saúde mental**. Revista Baiana de Enfermagem, Salvador, v. 25, n. 2, p. 221-228, maio/ago. 2011. Disponível em <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/viewArticle/5252>>. Acesso em: 06 de jul. 2016.

VERGUEIRO, W. Uso das HQ no ensino In: _____ (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.

_____**Uso das HQs no ensino**. In: BARBOSA, Alexandre. **Como usar as Histórias em Quadrinhos na Sala de Aula**. Alexandre Barbosa, et al. São Paulo: Contexto, 2007.